

A crise da autoridade na sociedade e sua repercussão na adolescência

Marlene Silveira Araújo¹
Carla Brunstein²
Maria Clélia de Barros Menegat³
Maria Cristina Garcia Vasconcellos⁴
Maristela Priotto Wenzel⁵
Nazur Aragonez de Vasconcellos⁶
Suzana Iankilevich Golbert⁷

1. Introdução

A adolescência é um período da vida do indivíduo em que ocorre um reordenamento das identificações previamente estabelecidas, sendo revestida pela maneira como foram elaborados previamente aspectos do narcisismo e o enfrentamento da conflitiva edípica. Em nossos consultórios, temos observado indivíduos com dificuldades de realizar adequadamente este reordenamento identificatório, o que interfere na constituição de sua personalidade adulta. Ao mesmo tempo percebe-se um enfraquecimento das figuras de autoridade na sociedade, o que dificulta a elaboração das tarefas da adolescência.

Estas constatações nos estimularam à criação de um grupo de estudos que viesse a refletir porque a adolescência parece, agora, estender-se e invadir um período em que já se esperaria um funcionamento adulto. Para tanto, observamos e temos pensado sobre as implicações das expressões da cultura atual em situações cotidianas.

-
1. Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Analista Didata. Analista de crianças e adolescentes.
 2. Membro Aspirante da SPPA.
 3. Membro Aspirante da SPPA.
 4. Membro Associado da SPPA.
 5. Membro Associado da SPPA. Analista de crianças e adolescentes.
 6. Membro Associado da SPPA. Analista de crianças e adolescentes.
 7. Membro Associado da SPPA.

Observando que há uma via dupla, na qual as demandas culturais tanto exigem quanto determinam padrões de comportamento, neste trabalho, propusemo-nos a examinar a relação entre a ausência de modelos de autoridade que permitam uma identificação favorável e os processos de desenvolvimento da adolescência.

2. Reflexões

Em 1924, Freud postulou sobre a metapsicologia do processo do Complexo de Édipo, cuja resolução marca a entrada na latência: "as catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí se forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e a proibição do incesto, defendendo, assim, o ego do retorno da catexia libidinal." (p 221) Para Freud, os interesses pulsionais na latência se desviam da busca de satisfação direta, para se voltarem para o mundo do conhecimento. As tendências libidinais são, por um lado, inibidas e transformadas em ternura e, por outro, dessexualizadas e sublimadas.

Alicia Etchegoyen (1993), desde uma perspectiva kleiniana, lembra que para que haja uma transição exitosa do período de latência, o domínio da angústia por parte da criança deve se basear nas relações de objeto e na adaptação à realidade, tarefas articuladas com as prerrogativas da elaboração da posição depressiva. Isto deve se traduzir em mudanças específicas, tais como uma aproximação maior entre as figuras parentais introjetadas e os pais reais. A elaboração deste período efetiva a repressão dos desejos edípicos, o que, por sua vez, incide no próprio desenvolvimento do superego, com a consequente aceitação/internalização das proibições. Compreende-se a latência, então, como um continuum do conflito edípico, um período de crescimento emocional e de maturação.

Já a adolescência, além de ser um período em que o indivíduo precisa lidar com as naturais modificações corporais, é uma etapa privilegiada para as ressignificações necessárias de traumas anteriores. Conseqüentemente, leva a um novo reordenamento identificatório em todas as instâncias do aparelho psíquico e pode desencadear a elaboração de intensas angústias decorrentes da confrontação geracional e fraterna, resultando na moldagem da identidade do indivíduo. (Kancyper, 19). Uma vez alcançado este objetivo - e assumido com responsabilidade pelo adolescente -, sua identidade será estruturada e ele deixará de ser uma vítima ingênua e passiva da infância. Esta é, sem dúvida, uma tarefa complicada, não só para o adolescente, como também para a sua família, pois o processo pressupõe o confronto entre a realidade externa e a psíquica.

Winnicott (1993) descreve a importância do papel dos pais para o desenvolvimento do indivíduo. Refere três etapas do *dizer não*, que irão constituir a distinção entre os pais e os filhos. A primeira é a da responsabilidade parental, em que todos os chamados do bebê são atendidos: um sim ao bebê e um não à realidade. A segunda etapa exige que os pais comecem a introduzir o não ao bebê, apresentando a este tanto a realidade quanto a presença da mãe como parte de um casal parental. A terceira etapa é quando o bebê já pode receber explicações. É o momento em que, além do não, aparecem também os porquês. Diz Winnicott: "E depois com as explicações existe finalmente uma base para a compreensão e compreensão é ciência e filosofia." (p. 47)

A primeira dessas três etapas é fundamental para o sentimento de responsabilidade parental o que estabelecerá a construção da diferença hierárquica entre pais e filhos. Esta é uma condição necessária para evitar o que com alguma frequência vemos,

dos pais buscarem tornar-se apenas “bons camaradas” e abdicarem de sua condição de responsáveis, deixando os filhos desamparados.

Refletindo sobre a sociedade atual, Marion Minerbo (2009) tece considerações sobre a pós-modernidade e refere que há uma descrença generalizada nas narrativas que organizavam a nossa sociedade – narrativas estas que constituíam a subjetividade moderna. Segundo ela, isto afetou as instituições, provocando uma descrença da transcendência. A nova forma de educar as crianças parece ter reduzido a importância da tradição e prejudicado a hierarquia da experiência e da sabedoria acumuladas ao longo dos séculos e de gerações anteriores.

Os pais de hoje também estão desamparados, por não terem, eles próprios, esta história para sustentá-los. Neste contexto, há um prejuízo no processo sublimatório que, por sua vez, permite o recrudescimento do sadismo primário. Os pais transmitem a seus filhos um funcionamento narcisista ao qual eles mesmos apelaram, na tentativa de resolver os seus próprios problemas intrapsíquicos, (Faimberg,2001). Assim, as gerações mais jovens precisam construir novas barreiras defensivas contra a defusão pulsional e sentem necessidade de buscar outros grupos, fora da família, para alcançar a discriminação em relação aos pais. Isto tem profundas implicações nos recursos que terão para levar adiante os movimentos psíquicos necessários para o seu desenvolvimento.

O registro mental e as marcas mnêmicas das experiências servem como arcabouço para o desenvolvimento das relações e possibilitam, aos vínculos, a compreensão de sua significação histórica. Este processo é danificado pelo ideal da cultura atual, que propõe um esmaecimento das diferenças entre os sexos e as gerações, que enfraquece as hierarquias e confunde os papéis. Tal processo gera, em ambas as partes, um sentimento angustiante de desamparo. Pensamos que esta prerrogativa de enfraquecimento das

marcas (registros) nas mentes, associada a uma forma menos restritiva e continente de cuidados, tanto nos laços familiares como nos sociais, tem como consequência o desamparo, além de uma confusão de papéis. De que maneira podemos relacionar o desamparo de pais e filhos com os fenômenos que temos observado na sociedade atual?

As modificações culturais ocorridas a partir dos anos 70 levaram à contestação salutar de um determinado modo de educar, entretanto, isto teve, também, o seu efeito perverso. A inibição e a transformação das pulsões deixaram de representar valores reconhecidos e transmitidos para se tornarem antes "taras" das quais é preciso libertar-se. Conforme Marlene Araújo (2010), podemos verificar que a sociedade contemporânea estimula uma sexualização precoce, fazendo com que as crianças pulem etapas do seu desenvolvimento. Refere-se especificamente ao tempo da latência enquanto dimensão essencial para a educação, tempo necessário entre a formação de desejo e sua realização, o tempo da latência do qual nos falou Freud em seus "Três ensaios sobre a sexualidade" (1905). Diz ela: "Parece que teríamos tudo se não faltasse tempo" (p. 62). Os adultos projetam nas crianças aspectos de sua sexualidade infantil, propondo a esses um caminho que percorre a via curta, em lugar de um estímulo à elaboração dos conflitos que correspondem à sua idade, e que promoveriam o desenvolvimento em direção à sexualidade adulta, abdicando, dessa forma, de seu papel de modelo de identificação e da possibilidade de sustentação/continência para as ansiedades da criança. Isto tem como resultado uma perda das características da infância e da parentalidade, levando a uma adolescência com frágeis modelos identificatórios e uma falta de assimetria entre as gerações, o que propicia o desenvolvimento das patologias características de nossa época, as ditas patologias atuais ou do vazio.

De acordo com Machado: (2008)

"o declínio da ideia de autoridade no mundo está vinculado a certa recusa em assumir a responsabilidade por ele. O grande atrativo das perspectivas transformadoras e a parca sedução da ideia de conservação podem esconder e em geral escondem certa recusa em responsabilizar-se pelo que está aí. Na família e no plano político, a fuga da responsabilidade costuma ser a contrapartida mais frequente para a desagregação da autoridade". (32)

Isto está em consonância com o que Winnicott coloca quanto à necessidade dos pais assumirem o seu papel como figuras de autoridade.

Para Florence Guignard (2011), assiste-se hoje a uma deriva considerável do infantil. Os adultos que, teoricamente, seriam encarregados de educar a geração seguinte, na realidade, servem-se dos mais jovens para neles projetar e satisfazer seu próprio hedonismo infantil. O terceiro paterno, indispensável para que a criança saia da simbiose e organize uma problemática edípica, toma atualmente, portanto, formas muito vagas e cambiantes, nas quais o grupo social e sua mentalidade de grupo substituem o casal parental de origem. Borram-se hierarquias e há uma falta da dimensão tempo-espço, essencial a qualquer civilização, um espaço-tempo de latência entre a formação de um desejo e sua satisfação. Estes espaços hoje perdidos, teriam, segundo Freud (1911), a função de instituir a noção de alteridade e a possibilidade de pensar.

Isto pode ser observado em uma propaganda de cursinho universitário que circulou há alguns meses em Porto Alegre, exposta na janela traseira dos veículos de transporte urbano. Ela apresenta um rapaz de uns 30 anos, com aspecto bastante desleixado, sentado em uma poltrona, gordo, olhando com ar perplexo para uma mulher

que está de pé ao seu lado, vestindo avental e capacete e com aspecto de braba, que grita em seu ouvido. Os dizeres da propaganda são: "Sua mãe pode até não concordar com seu estilo de vida. E daí"? Pensamos que este reclame publicitário retrata um fato social de nosso tempo: o decréscimo do respeito à hierarquia entre as gerações, aliado a certa elegia ao desrespeito à hierarquia parental.

Ao abordar a latência na atualidade, Guignard (2011) refere que os elementos edípicos e a problemática da castração não se organizam mais como 'Complexo de Édipo' e 'Complexo de Castração', quando as pulsões epistemofílicas costumavam se organizar, essencialmente, em torno da fantasia da cena primária. Tal fenômeno, que orientava a curiosidade e o desejo de compreender, abria caminho para a simbolização. A autora alerta que se as pulsões se organizam segundo a lógica binária do prazer-desprazer, a relação de intimidade, pedra angular de uma estrutura psíquica verdadeiramente genital, não poderá tomar seu lugar na segunda parte da adolescência e no início da vida sexual adulta. A organização se dá através de um sistema de lógica binária, o que provoca um retorno ao princípio do prazer-desprazer, que fica exemplificado na propaganda acima referida.

3. Considerações finais

O legado parental transmitido pela genuína valorização do saber, pela experiência, parece hoje estar sendo substituído pela via narcísica. A transmissão do conhecimento através da autoridade e da função de contenção e continência do adulto sofreu um abalo. Ao mesmo tempo, a herança do infantil dos pais persiste, nos aspectos narcísicos. Este funcionamento parental revela e promove um enfraquecimento da família enquanto instituição de suporte para o desenvolvimento do indivíduo e para a construção da subjetividade. Concomitantemente, há o crescente poder invasivo da mídia,

revelando e impondo uma lógica de consumo que vende um ideal de sexualidade indiscriminado para adolescentes e adultos, como se um mesmo ideal pudesse ser válido para todas as fases da vida.

Os pais que tomam os filhos como objeto sexual facilitam uma inversão de papéis. Isso é incrementado pela exposição da criança a um mundo virtual, que a introduz precocemente no mundo sexual, no qual tudo parece possível e onde não se encontra qualquer frustração. Reforça-se assim a fantasia de onipotência e o desenvolvimento da criatividade fica impedido. O desejo e o proibido, essenciais para uma boa vida sexual adulta, deixam de existir.

A repressão consequente à elaboração da primeira etapa edípica deve organizar os interditos e instituir mais claramente a noção de hierarquias no psiquismo. A 'geada pulsional' da latência dos tempos de Freud (1905), era da repressão e da neurose, vem dando lugar, na atualidade, a uma turbulência emocional invasiva e constante. Tal turbulência está em grande parte, como temos assinalado, relacionada a esta estimulação indiscriminada e incessante por parte dos meios de comunicação, e à fragilidade do papel das figuras parentais.

O psiquismo destes jovens que não solucionaram adequadamente suas questões edípicas permanece em constante estado de tensão, com importantes questões de identidade a serem resolvidas. As tensões psíquicas, em busca de um equilíbrio mental, exigem uma descarga e, assim, se cria um círculo vicioso de ações defensivas que não oferecem possibilidade de elaboração dos conflitos. O atendimento a jovens e adolescentes, nos dias de hoje, nos oferece vários exemplos disso.

Assim, em meio aos vários níveis da atual crise da autoridade, é importante que possamos fazer uma reflexão sobre os adultos (ou sobre o funcionamento dos adultos?) e sua relação com as vertiginosas mudanças sociais, uma vez que tais mudanças e

costumes atuais vêm gerando, nos indivíduos, inseguranças e incertezas. E que possamos, assim, contribuir para o resgate da autoridade, problemas advindos das falhas nas funções materna e paterna, desde a origem do desenvolvimento dos jovens, o que constatamos na clínica.

Temos convicção de que aquilo que pertence ao cenário da sociedade atual serve de palco para que os adolescentes vivam e tentem elaborar os seus conflitos. Por um lado, vemos este mundo de promessas virtuais, um verdadeiro império da imagem, com modelos de perfeição e com um imperativo de expectativas idealizadas e de busca imediata, aspectos que denotam uma conflitiva mais primitiva, narcísica. Por outro lado, esta complexa conflitiva parece estar presente tanto nos adolescentes, quanto em seus pais, figuras que acabam por se apresentar como frágeis modelos de identificação. Experimentamos um tempo de crise da autoridade, de suas figuras, dos representantes simbólicos do pai, da lei e das instituições, elementos fundamentais para a elaboração das tarefas da latência e da adolescência.

Observamos um insistente convite a que se despreze o desenvolvimento, no psiquismo, da capacidade negativa de que nos fala Bion, capacidade relacionada tanto à noção do tempo, quanto à tolerância às frustrações. O processo de pensar, simbolizar e fantasiar se alimenta e se desenvolve na dependência de um intervalo de tempo entre o desejo e sua realização, o que o alcance de um clique de mouse oblitera. Nesta perspectiva, pois, elogia-se um universo bidimensional (da fantasia do prazer puro), que desconhece (ou despreza) a tridimensionalidade (a triangulação e seus interditos), o interior e o outro. Poderíamos dizer que se vive uma era de imagens especulares (espetaculares?) que encantariam a Narciso.

Bauman tem destacado um novo mal estar na cultura atual onde a insegurança, a incerteza, a desintegração da solidariedade, a precariedade, vulnerabilidade e instabilidade sintetizam a contemporaneidade.

O avanço vertiginoso do desenvolvimento tecnológico contribuiu para uma cultura da instantaneidade dando a impressão de que tudo na vida deve ser no aqui e agora. A intolerância à frustração é baixíssima. Sabemos o quanto o adiamento da satisfação possibilita o desenvolvimento dos processos simbólicos e os fenômenos decorrentes desse processo como aprendizagem. Vivemos, então, imersos em um mundo em que as instituições não se oferecem como recurso para que os sujeitos sintam-se amparados. Observamos que as crianças e seus pais necessitam enfrentar o vazio, o que favorece um ciclo que dificulta o exercício da função paterna. Diante disso, consideramos que a insuficiência da função parental, que faz parte, significativamente, da crise de autoridade que temos observado e se relaciona a várias manifestações de angústia que assistimos em nossa clínica, como a busca, pelos adolescentes, de "algo" ou "alguém" que possa auxiliá-los a elaborar sua conflitiva, servindo-lhes de amparo para o desenvolvimento de sua subjetividade. Pensamos que, a busca por um caminho que auxilie a preencher este vazio pode ser um papel social importante da psicanálise. Devemos refletir cuidadosamente sobre estes aspectos, em suas implicações clínicas e sociais.

A seguir assistiremos um breve vídeo.

WWW.youtube.com/results?searchquery=amor%20de%20mae%20bufala&sm=1

Resumo

Diante da constatação de um número crescente de jovens com dificuldades para elaborar adequadamente as demandas adolescentes e do fato de que a adolescência é uma etapa do desenvolvimento que tem se estendido e prolongado a um período em que já se esperaria um funcionamento adulto, os autores comentam acerca das expressões da cultura e suas possíveis implicações e interferências nos fenômenos adolescentes da atualidade. Percebem a ocorrência de uma crise de autoridade na cultura atual, com o esmaecimento das hierarquias e o enfraquecimento dos pais, que parecem não ter resolvido sua própria conflitiva narcísica e sentem, conseqüentemente, dificuldade de assumir sua responsabilidade parental, gerando falhas no reordenamento identificatório característico da etapa da adolescência. Os autores apontam a necessidade de se refletir sobre estas questões e suas conseqüências, bem como sobre o papel da intervenção e reflexão psicanalíticas sobre este fenômeno.

4. Referências

ARAUJO, M. S.(2010). Especificidades e confrontos em psicanálise de crianças. *Reverie*, v. 3, n. 1, p. 57-66.

BAUMANN, Z. (2007). *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar.

ETCHEGOYEN, A. (1993). La latencia - una reconsideración. *Libro Anual de Psicoanálisis* v. 9, p. 21-32.

FAIMBERG, H. (2001). Gerações: mal-entendido e verdades históricas. Porto Alegre: Criação Humana.

FREUD, S.(1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In:Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. v.7. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1908). Moral sexual e doença nervosa moderna. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. v.9. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1911). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. v.12. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. v.19. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GUIGNARD, F. (2011). Reflexões de uma psicanalista sobre a criança na sociedade ocidental de hoje. Revista de psicanálise da SPPA, v. 18, n. 2, p. 255-276.

KANCYPER, L. (2007). Adolescencia: el fin de la ingenuidad: estudio psicoanalítico. Buenos Aires: Lumen.

MACHADO, N. J. (2008) Educação e autoridade. Rio de Janeiro, Editora Vozes.

MINERBO, M. (2010). A lógica da corrupção: um olhar psicanalítico. In: TANIS, B; KHOURI, M. G. (Orgs.). A psicanálise nas tramas da cidade. São Paulo: Casa do

Psicólogo, 2009.

WINNICOTT, D. W. (1993). Conversando com os pais. São Paulo: Martins Fontes, 1999.